

**O CONTEXTO DA AFRODESCENDÊNCIA NA COLOMBIA
A OBRA *EN CHIMÁ NACE UN SANTO*, DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA**

Valdineia dos Santos Santana¹
Florentina da Silva Souza²

Resumo: No presente trabalho, pretende-se apresentar discussões iniciadas na pesquisa de mestrado – ainda em andamento – intitulada *En Chimá Nace un Santo: Uma perspectiva de análise da obra afro-colombiana de Manuel Zapata Olivella* que objetiva identificar e analisar as representações de afrodescendência na América Latina, mais especificamente no contexto da Colômbia. De modo geral, esta pesquisa tem demonstrado como os estereótipos destinados às tradições e povos advindos de matrizes africanas atravessaram um longo processo histórico, literário, antropológico, utilizando-se do discurso da “democracia racial”, para, assim, tentar esmaecer os elementos que marcaram/marcam a forte presença do negro na formação sociocultural latino-americana.

Palavras-chave: literatura afro-colombiana, representação, afrodescendência.

Pensar sobre a América Latina é uma tarefa complexa. É lidar com uma diversidade de perspectiva, sem que, qualquer uma delas ofereça uma conceituação uniforme e convergente entre as demais. A terminologia em questão suscita uma série de reflexões que demandam uma releitura histórica do processo de formação do espaço, hoje, denominado América Latina. A noção primeira que não podemos perder de vista é a de que trata-se de uma “comunidade imaginada”, segundo a acepção de Benedict Anderson, de uma ideia construída a partir de processos socio-históricos. Tal construto, até certo ponto, englobaria a quantidade de 20 países aparentemente reunidos no complexo latino americano por conta da língua – a denominação latina pode ser lida

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia e integra o Grupo de Pesquisa EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afro-latinas/os, sediado no Instituto de Letras (UFBA). Bolsista de mestrado CAPES/DS. E-mail: valdineialettras@yahoo.com.br.

²Professora doutora da Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras e Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA). CNPq. E-mail: florenss@ufba.br.



como uma referência às línguas românicas que, por sua vez, são derivadas do Latim. Entretanto, Walter Mignolo afirma que:

[...] la idea de “América” es parte del relato histórico europeo, ya que los millones de personas que poblaban el “territorio” no se les permitirá narrar sus propias historias. Ellos tenían relatos diferentes del origen y la evolución de los seres humanos, del concepto de “humano” en sí, del conocimiento o la organización social, por dar solo algunos ejemplos. Las diferencias, sin embargo, fueron anulados por la matriz colonial de poder. De hecho, la Cristandad y, más tarde, la filosofía ya la historia secular europea eliminaron o absorbieron las “otras historias”. (MIGNOLO, p 70, 2005)

Se a ideia de “América”, conforme pontua Mignolo, é uma construção histórica da Europa, a noção de América Latina está duplamente atravessada pelos relatos construídos a partir do olhar do outro (não latino-americano). Primeiro pelo crivo da imaginação europeia e segundo pela contraposição entre América do Norte e América do Sul (ou Latina). Ou seja, estabelecendo um lugar de (in)dependência econômica, política, histórica e cultural, a formação do construto discursivo aqui analisado passa longe de uma simples concentração de países unidos e unificados apenas pela origem em comum das línguas faladas em cada um deles. Fica evidente, deste modo, a quem e para que serviram (servem) a constituição e o uso de tal terminologia que, aparentemente, atravessou sem maiores problemas um longo percurso histórico.

Recentemente, pesquisadores tais como Hugo Achugar, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, entre outros vêm se debruçando acerca das discussões deste processo de formação do discurso de América Latina, visando uma releitura histórica a fim de desconstruir as noções de homogeneidade do “bloco” latino americano e evidenciar “outras histórias” que foram eliminadas ou absorvidas – segundo as palavras de Mignolo – nesse processo de constituição da ideia de “América”.

É preciso ressaltar que, ao se tratar de América Latina, e do seu processo de colonização, não se pode falar de um todo homogêneo. Pode-se falar de “histórias locais”³. Em outros termos, fala-se de narrativas contadas a partir das experiências (ou interesse) de cada grupo. Os processos de dominação no território latino-americano – apesar de semelhantes – devem ser analisados a partir das particularidades de cada país, pois a “América Latina é um dos campos de batalha onde os diferentes sujeitos combatem pela construção do seu projeto em função de suas memórias particulares”. (ACHUGAR; 2006; p56)

³Consultar: ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: UFMG; 2006.

O que se convencionou chamar de América Latina é resultado de um construto discursivo histórico, geográfico, político e cultural, no qual engloba uma diversidade sociocultural de gênero, classe e etnia. É a partir de tal construto que se delineiam as relações sociais dos grupos formadores dessa comunidade imaginada, envolvendo etnias diversas, dentre as quais algumas são evidenciadas em detrimento de outras. Nesse contexto, interessa-nos os modos como os grupos étnicos autodefendidos afrodescendentes constroem representações de si através dos discursos literários, fazendo referências às matrizes africanas em diálogo com a tradição ou não.

Se falar do construto denominado de América Latina é uma tarefa complexa que pode ser comparada ao mitológico trabalho de Sisifo, no sentido de que não se chega ao final, as reflexões acerca da terminologia América Afro-Latina são ainda mais árduas. Nesse processo, estão envolvidas questões identitárias específicas, visto que tal terminologia faz referência a duas acepções marcadas social, histórica e culturalmente com traços considerados no imaginário social como negativos: “afro” e “latino”. Segundo o Pesquisador Luís Ferreira,

Os sentidos dos termos "afro" e "latino" devem ser discutidos, sem dúvida, em termos das singularidades nacionais e locais destas categorias e das experiências desses povos, considerando também gênero, classe e etnicidade, histórias locais, regionais e nacionais.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como foco as discussões de afrodescendência no contexto colombiano. Tendo como objeto de estudo o texto literário *En Chimá Nace un Santo*, de Manuel Zapata Olivella, este ensaio objetiva tecer um panorama contextual acerca dos construtos discursivos que se convencionou denominar América Latina, América Afro-Latina, literatura afro-latina e literatura afro-colombiana. Vale ressaltar que as discussões (ou inquietações) que ora se apresentam são resultantes das reflexões da pesquisa de mestrado – ainda em andamento – intitulada *En Chimá Nace un Santo: Uma perspectiva de análise da obra afro-colombiana de Manuel Zapata Olivella*.

Em sociedades pós-coloniais, tais como a Colômbia e outros países latino-americanos, o que se percebe, como afirma Aníbal Quijano, é que o processo histórico dessas comunidades imaginadas “definiu a dependência histórico-estrutural da América Latina e deu lugar, ao mesmo tempo, à constituição da Europa Ocidental como centro mundial de controle do poder” (QUIJANO; 2006; p.49). As discussões acerca do que

se convencionou denominar América Latina são atravessadas por um construto discursivo da homogeneidade, do atraso e subserviência econômica, social, cultural e intelectual. Este fator, durante muito tempo, foi associado ao processo de escravização. Dito de outro modo, a população negra era considerada responsável pelo atraso de nações latino-americanas que tiveram um longo período de escravidão. Associado ao clima (como nos casos de Brasil e Colômbia), a preguiça e indisciplina dos povos negros e afrodescendentes eram os principais fatores da falta de desenvolvimento dessas nações.

Estes discursos depreciativos atravessaram um longo percurso histórico e se perpetuam até os dias atuais nas representações literárias, midiáticas e culturais construídas pelos discursos hegemônicos acerca dos afrodescendentes. Nesta perspectiva, percebe-se a dimensão das ações históricas, que muitos narram como pertencentes ao passado – e por isso, já como questões resolvidas pelo transcorrer do tempo –, presentes nas experiências dos grupos marginalizados e a necessidade de releitura desses relatos considerados oficiais. Conforme o antropólogo Eduardo Restrepo Uribe,

‘el pasado’ no es sólo algo que sucedió y que ahora nosotros nos dedicamos simplemente a ‘descubrir’ con mayor o menor éxito, dependiendo de los materiales y documentos que hayan quedado e nuestro alcance. Por el contrario, ‘el pasado’ es – como Foucault ha reiterativamente argumentado – una construcción do presente (URIBE, 2004, p126).

A persistência de estereótipos seguidos do preconceito racial limitou a condição dos negros e descendentes de africanos ao espaço da marginalização em todos os setores sociais (cultural, econômico e político), no processo de construção da história oficial. Assim, são essas, dentre outras questões de cunho extratextuais que deixam as produções literárias de autores negros de fora das historiografias das literaturas ditas nacionais (PRESCOTT, 1999, p555). Acrescenta-se a isso o argumento da homogeneidade literária representativa da unidade nacional que, como discute Achugar no excerto a seguir:

Até os fins do século XIX, nossos países estavam em pleno processo de consolidação dos aparatos estatais ou, em alguns dos casos, de luta pela independência. A paisagem étnica, cultural e social havia sido remodelada em função da suposta harmonia de uma mestiçagem mais declarativa do que real, ao mesmo tempo em que as diferenças – potencialmente anticivilizatórias – eram erradicadas ou submetidas a um processo autoritário de homogeneização. (ACHUGAR, 2006, p81-82)

Vale salientar que a América Latina constituiu sua história através de processos de conquista e colonização violentas que marcaram suas nações. Nesse contexto, culturas como as indígenas e as africanas sofreram um forte processo de escamoteamento através do extermínio de seus povos que até os dias atuais vivem relegados ao “esquecimento” dentro de uma sociedade marcada pelo eurocentrismo. Isso é perceptível em países latino-americanos, tais como o Brasil e a Colômbia. Neste último, segundo Castillo e Abril:

[...] os índios e os afro-colombianos constituem os segmentos mais pobres do país e apresentam sérios problemas de saúde, educação, marginalização, e são as principais vítimas da violência, produtos de diversas forças armadas que atuam no país, sejam guerrilhas, paramilitares, narcotráfico ou instituições do Estado. (CASTILHO & ABRIL; 2008; p.159)

É nesse contexto emaranhado de conflitos e tensões que se situa o texto literário objeto de estudo da presente pesquisa. A obra *En Chimá Nace un Santo*, publicada em 1964, é baseada em relatos orais da população da vila colombiana Chimá, localizada na costa atlântica do país – região que, segundo Castilho e Abril (2008), é majoritariamente habitada por negros e mestiços. A narrativa gira em torno do enfermo Domingos que foi santificado pelo povo após os milagres acontecidos em Chimá os quais lhes foram atribuídos. Santo Domingo passa a ser adorado pela população da pequena vila, enquanto isso a Igreja Católica – que tanto oprimiu os moradores daquele espaço, impondo a sua vertente religiosa como a única e legítima – sente-se ameaçada, pois seus fiéis de outrora agora têm o santo local. A perseguição àqueles que desviaram do catolicismo para seguir outras práticas religiosas é narrada na obra, esboçando uma crítica não apenas a instituição religiosa dominante, mas também ao poder público que, de certo modo, delimita a sua crença em uma única religião: a judaico-cristã. Desse modo, na Vila de Chimá, assolada pela pobreza extrema, esquecida pelas instituições governamentais colombianas e dominada pela Igreja Católica, outras manifestações religiosas se insurgem, representando, assim, outros modos de saber e de agir diferentes dos valores pregados pela tradição europeia.

Essa desconstrução dos valores e padrões europeus, como sendo os únicos a serem seguidos e aceitos, é uma discussão que atravessa a produção literária afrodescendente tanto na escrita de autores brasileiros quanto na de escritores

colombianos. Aliás, os processos de apagamento da história dos povos trazidos de África e a invisibilização das manifestações culturais de matriz africana – guardando as particularidades de cada configuração nacional – são bastante semelhante no Brasil e na Colômbia. Isso foi perceptível na leitura de textos de estudiosos como: Lucía Ortiz, Laurence Prescott, Nicolay Vargas, Aline Helg, Eduardo Restrepo Uribe, dentre outros que se debruçam/debruçaram na pesquisa acerca das questões dos afrodescendentes. Dentro desta perspectiva Ortiz (2007), afirma que os discursos a respeito do negro, na Colômbia, são marcados pela discriminação racial em que o modelo europeu é colocado como o único ideal de beleza em detrimento de outros.

Essa construção hierarquizada da sociedade colombiana – na qual os negros e afrodescendentes são colocados em espaços socioculturais vistos como inferiores – é fruto de um processo histórico de colonização e escravização dos povos trazidos de África. Tal formação social que elege um único modelo a ser seguido desencadeia diversos processos de negação identitária dos afrodescendentes: o branqueamento, a mestiçagem e o jogo do “não pertencimento a nenhuma cor”. O falso poder do trânsito entre espaços que a ideologia da mestiçagem oferece é bastante eficaz e violento, pois além de fazer com que o indivíduo negue a si mesmo, tenta encobrir o preconceito sofrido por determinados grupos a partir do argumento da igualdade racial. Na Colômbia, segundo afirma Prescott,

El mestizaje y el peso de las normas de comportamiento blancas influyen mucho en como una persona se define racialmente. Tampoco todo autor va a tratar asuntos relacionados directamente con la cultura y la problemática de los grupos negros, o de una manera obvia. (PRESCOTT, 1999, 557)

Tal categoria generalizadora, assim como outras, incorre no apagamento de particularidades e diversidades de sujeitos e grupos sociais. Assim, alijam-se memórias e histórias a fim de que se permaneça a ideia de homogeneidade social, alcançada por meio da eliminação das diferenças econômicas, culturais e raciais. Dizimam-se povos, consequentemente, extinguem-se relatos históricos e memórias. A “capacidade democratizadora”⁴ do discurso da mestiçagem conseguiu diluir a diversidade racial presente na Colômbia e propagou, assim, a invisibilidade dos grupos étnicos e especificamente os afrodescendentes que, durante muito tempo, foi objeto do discurso

⁴Consultar: CASTILHO, Sandra Soler; ABRIL, Graciele Pardo. *Colômbia: Invisibilidade e Exclusão*. In: VAN DIJK, T. A. (org). *Racismo e Discurso na América Latina*. . São Paulo: Contexto, 2008.

do outro – homem, branco, educado nos moldes europeus –, sendo reduzido aos estereótipos relacionados ao corpo: força física, sexualidade aflorada, etc.

A literatura, como grande difusora de tais ideias, é um meio pelo qual esse construto sócio-ideológico deve ser contestado. O discurso literário é – assim como outras práticas discursivas – construído por um sujeito social inscrito por diversas marcas contextuais e atravessado por experiências inerentes ao próprio sujeito enquanto ser histórico. Desse modo, pode-se dizer que a literatura é um meio de propagação de projetos socioculturais de classes, gêneros e etnias. O que se percebe é que, durante muito tempo, ela esteve a serviço dos grupos detentores de poder e, sendo assim, servia como difusora das ideias desses grupos, apagando as vozes de outros sujeitos e reproduzindo estereótipos acerca daqueles que não estariam “habilitados” a falar de si: negro, mulheres, homossexuais, índios, moradores de periferia, dentre outros grupos.

É com o intuito de questionar o silenciamento dos afrodescendentes na Colômbia e as representações atravessadas por estereótipos que o discurso literário da tradição canônica reproduz acerca do negro e dos elementos culturais herdados da tradição africana, que a proposta de estudar a literatura afro-colombiana de Manuel Zapata Olivella torna-se um importante elemento para se perceber e evidenciar outras representações do negro no contexto da Colômbia. É nesta perspectiva que a obra de Zapata Olivella torna-se um contraponto das narrativas consideradas oficiais, na medida em que os grupos marginalizados se narram e se colocam enquanto sujeito do próprio discurso, desconstruindo, assim, os relatos atravessados por manifestações racistas e reconfigurando outros espaços de representações dos povos afrodescendentes.

Manuel Zapata Olivella nasceu em 1920, em Santa Cruz de Lorica, na Colômbia e morreu em 2004. Foi um intelectual que experienciou diversos trânsitos culturais devido as suas viagens e pesquisas no campo da Antropologia, da Medicina e dos estudos étnico-raciais na Colômbia. Publicou obras tais como: *Terra Mojada* (1947); *La Calle 10* (1960); *Chambacú, Corral de Negros* (1963); *En Chimá nace un santo* (1964); *Changó, el Gran Putas* (1983); escreveu no periódico *El Fígaro*, nas revistas *Estampa de Bogotá*, *Cromos*, *Sábado* e no Suplemento Literário do *El Tiempo*. Tornou-se bastante conhecido pelos seus trabalhos e obras literárias voltados para a abordagem de temas étnico-raciais que, durante muito tempo, segundo Friedmann y Arocha (apud ORTIZ, 2007), foram apagados das historiografias colombianas. Manuel Zapata Olivella traz, em suas obras, outra perspectiva de representação do negro e da sua cultura que rasura aquela, proposta pelas historiografias ditas oficiais e pela literatura

canônica, visando a desconstruir o ideal de unicidade da nação colombiana, bem como o processo de branqueamento⁵ pelo qual passaram as sociedades que sofreram o processo de colonização de base escravocrata.

Sabe-se que, durante muito tempo, as narrativas literárias e historiográficas acerca dos países colonizados foram formuladas a partir da perspectiva do dominador, o que equivale dizer que estas formulações discursivas eram (e são) representativas do ponto de vista de quem as constroem. Desse modo, é imprescindível questionar as representações de determinados grupos, trazidas por esse discurso denominado oficial e embasado no projeto da supremacia europeia. Neste sentido, é preciso que se percebam tais narrativas não apenas como mero relato do passado, mas também relê-las tendo em vista as implicações que elas desencadeiam no presente e que se projetarão no futuro. Desse modo, este trabalho tentou discutir como o processo de representação dos negros se constrói em espaços marcados pelo preconceito racial e como as narrativas literárias construídas por Manuel Zapata Olivella, no contexto colombiano, vêm contestar as categorias homogeneizantes e apagadoras, de modo a evidenciar outros relatos e outros modos de saber, reiterando, assim, “o perigo de uma história única.”⁶

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Belo Horizonte: UFMG; 2006.

⁵Consultar: GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afro-latino-americano. In: *Caderno de Formação Política do Circulo Palmarino*, nº 1. Brasil 2011. p12-20.

⁶Expressão proferida pela romancista nigeriana Chimamanda Adichie, em vídeo disponível em: <http://redecultura.ning.com/video/o-perigo-da-historia-unica>. Acesso em: 21 de março de 2011.

ANDREWS, George Reid. *América Afro-latina, 1800-2000*. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

BARBARY, Olivier; URREA GIRALDO, Fernando. *Gente Negra en Colombia: Dinámicas Sociopolíticas in Cali y el Pacifico*. Colômbia: Editorial Lealon, 2004.

CASTILHO, Sandra Soler; ABRIL, Graciele Pardo. Colômbia: Invisibilidade e Exclusão. In: VAN DIJK, T. A. (org). *Racismo e Discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.

ESPINOSA, Germán. *Ensayos Completos: 1968 – 1988*. Colômbia: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2002.

GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afro-latino-americano. In: *Caderno de Formação Política do Circulo Palmarino*, nº 1. Brasil 2011. p12-20.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. OLIVELLA, Manuel Zapata. *En Chimá Nace un Santo*. Córdoba: Papel Tinta, 2002.

HELG, Aline. Esclavos y libres de color, negros y mulatos en la investigación y la historia de Colombia. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXV, Nums. 188-189, Julio-Diciembre 1999; 697-712

OLIVELLA, Manuel Zapata. *En Chimá Nace un Santo*. Córdoba: Papel Tinta, 2002.

ORTIZ, Lucía. "*Chambacú, La Historia la Escribes Tú*": Ensayos sobre Cultura Afro-colombiana. Madrid: Iberoamericana, 2007.

PRESCOTT, Laurence E. Evaluando el pasado, forjando el futuro: estado y necesidades de la literatura afro-colombiana. In: *Revista Iberoamericana*. Vol. LXV, Nums. 188-189, Julio-Diciembre 1999; p 553-565.

PRESCOTT, Laurence E. Perfil histórico del autor afrocolombiano: Problemas y perspectivas. *América Negra* Nº 12: 1996.

QUIJANO, Anibal. Os Fantasmas da América Latina. In: NOVAES, Adauto (org). *Oito visões da América Latina*. São Paulo: SENAC, 2006.

QUINTERO, Ciro Afonso. *Filosofía Antropológica y Cultural en el Pensamiento de Manuel Zapata Olivella*. Quito: Abya-yala, 1998.

RAMA, Angel. *Transculturación Narrativa em América Latina*. 3de. Colômbia: Siglo Ventiuno, 1987.

SOUZA, Florentina. *Afro-descendência em Cadernos Negros e MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

URIBE, Eduardo Restrepo. Hacia los estudios de las Colombias negras. In: PARDO, Mauricio; MOSQUERA, Claudia; RAMÍREZ, María Clemencia (orgs). *Panorámica*

Afrocolombiana: Estudios Sociales en el Pacífico. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Universidad Nacional de Colombia, 2004.

VARGAS, Nicolay. Aproximación al problema de las literaturas de minorías. Mujeres, negros e indígenas en mapa historiográfico de la literatura colombiana. In: *Lingüística y Literatura*. N°. 47/48, 2005.